

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UM ROCK DO PÓS-FIM DO MUNDO: CONTRACULTURA, ROCK ‘N’ ROLL E PAISAGENS SONORAS NO ALTO SERTÃO PARAIBANO (CAJAZEIRAS, 1998 – 2007)

Francisco Didier Guedes Albuquerque Junior¹
Mestrando em História – PPGH/UFRN
didierjr0105@gmail.com

Entre o *Rock ‘n’ Roll* e o pós-apocalipse

Localizada no chamado Alto Sertão paraibano, a 464 km da capital João Pessoa, a cidade de Cajazeiras tem sido apresentada como uma cidade culturalmente desenvolvida. Pelo menos desde os anos 1960, a existência de estabelecimentos culturais como grandes escolas, cinemas², teatro e clubes têm feito da cidade uma referência cultural para a região em que está situada. Particularmente na música, tornou-se amplamente conhecida por realizar grandes eventos culturais, como os Festivais Regionais da Canção³, bem como eventos de cunho universitário, matinês de domingo e bailes locais que movimentavam frequentemente a população local. Apesar da crescente predominância de movimentos musicais que contestavam as tramas políticas e sociais na década de 1960, como o Tropicalismo, esse circuito musical cajazeirense via-se embalado pelo ritmo e pela estética da Jovem Guarda, ressaltando valores como o “bom mocismo” e o automobilismo (ZAN, 2003); além de uma estética regional historicamente constituída, destacando elementos culturais vinculados a uma ideia tradicional de sertão nordestino (ALBUQUERQUE JR, 2011).

Contestando essa estética e esses padrões de vida vigentes, no final dos anos 1980, ocorreu a emergência de uma cultura *underground*, erigida em alternância aos arcaísmos desta cultura cristalizada, seja na musicalidade ou na estética. O *rock ‘n’ roll*, nesse ritmo,

¹ Bolsista da CAPES. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Cultura (GEPHC/CNPq/UFCG). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2284531670321279>.

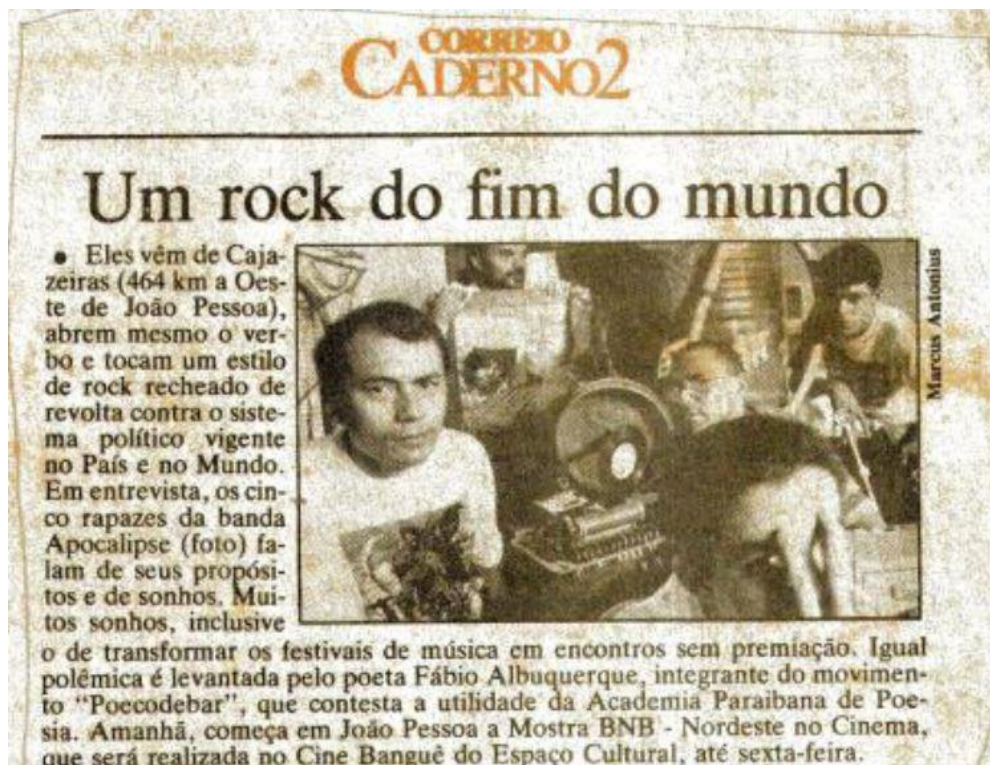
² Para mais informações sobre a problemática e existência dos cinemas na cidade de Cajazeiras, ver: SILVA NETO, José Antônio da. **Cinema e sociabilidade**: uma história das relações sociais promovidas pelo cinema de Cajazeiras-PB (1950-1980). Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

³ Os Festivais Regionais da Canção realizados na cidade de Cajazeiras se tornaram amplamente conhecidos por atrair compositores e intérpretes de todo o Nordeste, a exemplo dos nacionalmente conhecidos Chico César e Elba Ramalho. O evento tinha suas próprias formas de divulgação e premiação, chegando inclusive a transmitir as canções ganhadoras nas emissoras de rádio local.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tornou-se o movimento musical e (contra)cultural que simbolizou essa contestação no âmbito local, sendo um espaço⁴ musical sintomático no que diz respeito aos modos de “reordenar acontecimentos sociais e mesmo políticos” (SCHAFER, 2011, p. 23). Configurava-se ali uma nova paisagem sonora que, em termos conceituais, podemos entender em referência a “[...] qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras” (SCHAFER, op. cit).

Figura 1: Recorte da capa do jornal *Correio da Paraíba*, publicado em 30 de agosto de 1992.



Fonte: Acervo Particular de Gilberto Álvares, 1992.

Nesse contexto, referindo-se ao cenário *underground* cajazeirense formado em finais da década de 1980, o jornal *Correio da Paraíba* noticiou enfaticamente em sua capa: “Um rock do fim do mundo”, tendo a banda *Conspiração Apocalipse*, primeira banda de *rock* de Cajazeiras e do Alto Sertão paraibano, criada no ano de 1989, como

⁴ A partir das discussões empreendidas por Michel de Certeau (2013), compreendemos que o espaço é definido pela prática, sendo ainda uma representação dos sujeitos históricos em suas formas de materialização cultural, como a música.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

objeto central para sua reportagem jornalística. A imagem do fim do mundo construída pelo jornal é simbólica à época: ao se referir à distância territorial de Cajazeiras em relação à capital paraibana, ela tanto queria expressar a surpresa com um *rock* produzido no Sertão, como destacar a existência de uma cultura de contestação vinda do interior do estado – justamente após o obscurantismo da ditadura militar brasileira e próximo ao fim do milênio.

Indo além dos limites culturais pensados para esse “fim de mundo” sertanejo, a banda simbolizou o entrecruzamento de referências que partiam de uma sonoridade regional, mas que findava estabelecendo um íntimo diálogo com uma cultura universalizante, notadamente o *rock ‘n’ roll* e a contracultura, estes que fomentavam as noções de rebeldia e transgressão propostas⁵. Destarte, esta movimentação local em torno do *rock* acaba se definindo enquanto uma ramificação da contracultura, pois erigia-se em contraponto ao cenário vigente estabelecido (PEREIRA, 1986), trazendo outras formatações identitárias, sociais e espaciais à cidade de Cajazeiras. Visualizou-se, nesse compasso, que a transgressão proposta pela contracultura cajazeirense se apropriou das múltiplas dimensões de poder e das noções de espacialidade local para tocar em pontos particulares de sua sociedade, questionando a cultura dominante, canônica.

Com a influência da banda *Conspiração Apocalipse* a nível local e estadual visualizou-se, paulatinamente, a edificação de uma cena musical *underground* na cidade de Cajazeiras – o que estamos a chamar de paisagem sonora pós-apocalíptica. Com isso, outros grupos de *rock* foram sendo criados, tomando como base, desta vez, novas fusões de sonoridades, como o hibridismo rítmico entre o *rock* e o *Maracatu*, entre o *rock* e o *Repente Sertanejo*, entre o *rock* e o *Baião*, trazendo assim novos olhares dessa cultura, dessa espacialidade, desse contexto. Nesse sentido, a paisagística sonoridade vinculada ao *rock ‘n’ roll* cajazeirense, em seu pleno processo de consolidação, foi representada pelas bandas: *Tocaia da Paraíba*, *Comportamento Zero*, *Baião de Doido*, *Cabeça Chata* e *Arlequim Rock ‘n’ Roll Band*. Todas essas bandas, formadas durante o recorte temporal que se estende entre os anos de 1998 a 2007, possibilitam o estudo dos discos produzidos

⁵ Para obter mais informações sobre a banda *Conspiração Apocalipse* e a instauração de novas sonoridades no Alto Sertão da Paraíba, ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Francisco Didier G. A. **Canções e tensões apocalípticas**: banda *Conspiração Apocalipse* e a eclosão do *Rock ‘n’ Roll* em Cajazeiras – PB (1989 – 2005). Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2020. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/18404>.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

por essas bandas de *rock* cajazeirense, que são eles: *Tocaia da Paraíba* (1998) e *Botando pra quebrar* (2005) da banda *Tocaia da Paraíba*; *Cabeça Chata* (2003) e *Oficina dos costumes* (2007) do grupo *Cabeça Chata* e o álbum homônimo do grupo *Baião de Doido* (2005)⁶.

Seguindo pelas linhas das construções históricas, sociais e simbólicas, a sonoridade do *rock 'n' roll* cajazeirense em seu pleno processo de consolidação representou uma paisagem sonora que vai além dos tradicionalismos musicais pensados imediatamente ao Nordeste e, sobretudo ao que foi denominado como Sertões. Usando da premissa de Yi-Fu Tuan (2015, p. 24), na qual “o som pode evocar impressões espaciais”, o *rock* cajazeirense geriu novas percepções, desta vez, contudo, desviantes, catapultadas pela indagação e pela contestação.

Nas palavras do historiador Durval Muniz (2016), o espaço Sertão é um terreno movediço, que está sempre em constante movimento, ganhando novas facetas e remodelando-se. Tal noção, nos leva a visualizar que a cidade de Cajazeiras, com a eclosão e a sua conseqüente concretização do *rock* e da contracultura, produziu novas compreensões desse espaço sertanejo, trazendo novas dimensões de escuta e reflexão do chamado de Alto Sertão paraibano. Logo, espacialmente e sonoramente falando, a cidade de Cajazeiras vivenciou uma singular forma de transcender aos tradicionalismos regionalmente estabelecidos, entendendo as formas de identidade sociais como algo diverso e plural.

Houve em Cajazeiras, assim sendo, uma paisagem pautada em outras sonoridades, em que o *rock 'n' roll*, visto sob uma ótica *underground* e contracultural, foi tido como desviante. Isso fomentou práticas e contestações que ampliaram a noção de Nordeste e de Sertão, de um “fim do mundo” que estava em crise e distante das capitais, mas que continha complexas dimensões simbólicas, que desviavam dos padrões das espacialidades regionais. Atrelados a uma perspectiva contracultural e munidos das suas próprias sensibilidades e das suas músicas, os integrantes das bandas de *rock* cajazeirense, assim como aqueles que se identificavam com os ritos da contracultura, tornaram

⁶ Os grupos *Arlequim Rock 'n' Roll Band* e *Comportamento Zero* não conseguiram registrar fonograficamente os seus trabalhos, que foram apresentados somente em suas performances ao vivo e registrados em vídeo. O não registro findou acontecendo tendo em vista a vasta desigualdade no mercado fonográfico e a falta de incentivo cultural, o que nos evidencia um ponto a ser problematizado.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

possíveis a discussão de outras vivências. Engajados e repletos de dúvidas, mais até do que de certezas. Pautados nas subjetividades de outros Nordeste (ALBUQUERQUE JR, 2003), de outros Sertões. Reapropriando-se de espaços socioculturalmente organizados (CERTEAU, 2013), que anteriormente visualizavam-se impraticáveis (como a gravação dos discos acima citados).

Apresentando seus trabalhos musicais de forma independente e, em alternância aos grandes centros urbanos de produção e circulação cultural, essas bandas de *rock* passaram a desenvolver suas próprias formas de materialização e distribuição cultural – como por exemplo a venda de CD's, contendo suas próprias canções autorais. Essa prática corrobora com a nossa percepção de uma cultura *underground*, que é marginalizada, de alternância a uma outra cultura vigente, mas que, ainda sim, busca suas próprias formas de circulação.

A partir disso, visualizamos a necessidade de investigar historicamente esse processo de construção de novas paisagens sonoras no Alto Sertão paraibano atrelado ao processo de consolidação do *rock 'n' roll* e da contracultura cajazeirense, entre 1998 (ano de lançamento do primeiro disco analisado) e 2007 (lançamento do último disco analisado). Sobretudo no que diz respeito a problematizar essa paisagística sonoridade “pós-apocalíptica”, isto é, constituída após a formação da banda *Conspiração Apocalipse*.

Das arestas às possibilidades de estudo entre o som e o espaço

Publicado pela primeira vez em 1977, a obra *A afinação do mundo*, do compositor e educador musical canadense Raymond Murray Schafer, trouxe para o campo científico o conceito de paisagem sonora, no qual discutiu-se a integração, a um só tempo, das dimensões sonoras e espaciais. Deste modo, compreendeu-se que os sons “não são meramente eventos acústicos abstratos, mas precisam ser investigados como signos, sinais e símbolos acústicos” (SCHAFER, 2011, p. 239). Embora essa tese principal do Schafer não tenha sido imersiva no que diz respeito à compreensão histórica dos sons (que inclusive foi motivo de objeção para o antropólogo Tim Ingold na obra *Estar vivo*), sua perspectiva se tornou importante à medida que deu a devida atenção aos aspectos sonoros, sobretudo “[...] por relacionar os sons e seus efeitos sobre a cultura humana com o espaço que os produz” (VENTURA, 2007, p. 136).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No Brasil, em meio as possibilidades investigativas que evidenciam os saberes da história e da música, concentraram-se estudos, principalmente, em torno do conceito de canção popular. Este conceito, usado inicialmente na década de 1980 por historiadores como Arnaldo Contier (1988), estabeleceu diálogos com áreas como a Antropologia, Sociologia e a Semiótica, vindo a se popularizar somente a partir de 1990 (BAIA, 2013), através do debate proposto por autores como Luiz Tatit (2012) e, posteriormente, por Marcos Napolitano (2002). Criticamente, ambos os autores se tornaram imprescindíveis no entendimento de que a música possui mecanismos próprios de representatividade simbólica, contendo signos expressos tanto nas camadas sonoras, como textuais e poéticas.

A partir dos trabalhos produzidos observou-se, entretanto, uma considerável memorialística seletiva, pois houve uma complexa desigualdade nos estudos sobre música popular no Brasil (ARAÚJO, 2010). Observando os trabalhos de modo panorâmico, percebemos que esses saberes foram erigidos dando mais atenção a determinados movimentos musicais, como: a Música Popular Brasileira (MPB), a Bossa nova e o Tropicalismo – este último contendo ainda diálogos com a própria contracultura, através do desmantelamento da obrigatoriedade de representar unicamente a nação ou a região (ALBUQUERQUE JR, 2003).

No entanto, pensando em uma perspectiva vinculada à espacialidade, operacionalizando os campos da História e da Música, constatamos que existe uma pequena literatura. Bem verdade, foram produzidos alguns trabalhos como as dissertações de mestrado de Leonardo C. Ventura (2007), Carlos H. Pessoa Cunha (2014) e Henrique M. Lopes (2017), mas estes ainda constituem uma pequena parcela das complexas ramificações sonoras Nordestinas⁷.

Apesar dos avanços recentes na historiografia, é imprescindível notar que ainda existe uma grande lacuna com relação aos estudos sobre paisagem sonora, sobretudo no que se refere ao *rock*. Carência historiográfica que demonstra suas frestas e vai se esgarçando à medida que visualizamos suas discussões ainda persistem em discutir as

⁷ Além dos já citados trabalhos, relacionando a dimensão do espaço e da sonoridade, podemos ainda referenciar a dissertação de mestrado de João Guilherme S. de Araújo Lopes (2021), este que buscou entender as complexidades da musicalidade presente no *Black Metal* Norueguês.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“grandes bandas” referentes “às grandes urbes”⁸. Além de estabelecer uma hierarquização dos estudos que entrecruzam a história e a música, esse pensamento não dá conta das complexas ramificações do *rock ‘n’ roll*, nos seus mais distintos lugares e contextos. Nesse prumo, pensar um “*rock pós-apocalíptico*”, localizado em Cajazeiras, no Alto Sertão paraibano, demonstra ser uma tentativa de aparar essas arestas existentes, pois busca ocupar, ainda que inicialmente, determinados hiatos dessa historiografia, repensando as perspectivas construídas desse saber histórico. Tornando-se ainda relevante a problematização, cultural e socialmente, para entender sobre quais perspectivas e contextos se apresentou esse tipo de cultura *underground* entre os anos posteriores a sua eclosão, tendo em vista que o seu caráter de contestação e rebeldia era frontalmente oposto ao ideal de sociedade estabelecido.

Sobre a bibliografia dos conceitos e os seus modos de aplicabilidade

Na oportunidade de buscar discutir sobre o cenário pós-apocalíptico do *rock ‘n’ roll* cajazeirense, consideramos válido ressaltar a pertinência e a aplicabilidade dos seguintes conceitos: paisagem sonora, discutido por R. Murray Schafer (2011); canção popular, instrumentalizado por Marcos Napolitano (2002), Luiz Tatit (2012) e José Geraldo V. de Moraes (2000); *rock ‘n’ roll*, amplificado por Elton John da S. Farias (2013) e Paulo Chacon (1982); e de contracultura, estabelecido por Carlos Alberto M. Pereira (1986) e Theodor Roszak (1972).

Primeiramente, com relação ao conceito de paisagem sonora, podemos iniciar pensando que os regimes de audibilidade, como no caso do *rock ‘n’ roll* cajazeirense, representam uma possibilidade de estudo atrelada à espacialidade. Pois, dos espaços construídos social e culturalmente emanam sons que representam e simbolizam práticas (CERTEAU, 2013). Práticas que, a partir das suas próprias e singulares formas de entender o universo que os rodeiam, produzem sentidos carregados de historicidade. É conveniente, nesse ritmo, asseverar que o estudo dos sons está intimamente ligado ao

⁸ A partir de um levantamento bibliográfico sobre os estudos que se relacionam com a contracultura e com o *rock ‘n’ roll*, constatamos que foram produzidos poucos trabalhos que se atenham especialmente às cidades interioranas do Nordeste, pois existem trabalhos relacionados, em grande medida, aos centros urbanos, como por exemplo as capitais Recife, João Pessoa e Natal. Cf. Santos (2019) e Lopes (2017); Egypto (2015); e Cunha (2014).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

campo da história, sendo uma paisagem interdisciplinar ainda pouco estudada, carecendo de complexificação.

Pensando em torno desse diálogo multidisciplinar entre a Geografia, a História, a Sociologia e a Música, o conceito de paisagem sonora, formulado por R. Murray Schafer (2011, p. 19), tem:

“[...] por objetivo documentar aspectos importantes dos sons, observar diferenças, semelhanças e tendências [...], estudar os efeitos dos novos sons antes que eles fossem colocados indiscriminadamente no ambiente, estudar o rico simbolismo dos sons e os padrões do comportamento humano em diferentes ambientes sonoros [...]. Dados interculturais de todo o mundo precisam ser cuidadosamente reunidos e interpretados.

Nesses termos, segundo Schafer, o conceito de paisagem sonora aplica-se a toda sonorização ambiental natural (como os sons dos pássaros, do mar e do vento) e/ou qualquer composição musical (tendo a simbolização e a representação de algo como indício), marcada por características específicas de cada ambiente sonoro. Desse modo, partindo do entendimento que a música compõe uma paisagem, relativa a cada espaço específico, pode-se compreender o emaranhado de representações que o *rock 'n' roll* cajazeirense pôde significar, relacionando espaço e tempo. Inserida na sociedade, podemos visualizar o impacto das músicas compostas, (re)compondo paisagens.

Nesse compasso, como fruto da imensa paisagem sonora mundial e das suas oceânicas possibilidades de estudo, o conceito de canção popular emerge nesse estudo como uma maneira de definir o que estamos por identificar enquanto paisagem sonora. Como um fruto do século XX, difundida sobretudo no universo urbano, a canção popular esteve “intimamente ligada [...] ao surgimento das classes populares e médias urbanas” (NAPOLITANO, 2002, p. 12). Reverberando e rompendo barreiras na sociedade, a canção popular passou, a partir do seu forte caráter comunicacional e representacional, a apresentar e propor reflexões sobre as tramas que interligam diversas experiências humanas e acontecimentos históricos (MORAES, 2000), dialogando com práticas culturais cotidianas muitas das vezes esquecidas por outros setores representacionais.

Essa canção popular ao qual denotamos, enquanto ferramenta analítica e de criação artística, possui discursos que se apresentam enquanto maneiras de simbolizar e representar. Então, todos os signos que se inscrevem nas linhas e nas entrelinhas das

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

camadas musicais e textuais das canções populares estabelecem *links* que conectam a dimensão sonora ao espaço e ao tempo, demonstrando aspectos históricos, sociais e mesmo políticos.

Isto posto, podemos compreender que o cancionista, seja compositor ou intérprete da canção popular, é um malabarista, assim como afirma Luiz Tatit (2012). Nesse malabar metafórico, o cancionista põe em prática suas representações⁹ e formas de entender o mundo que o rodeia, que aludem e instituem seu espaço, sua cultura, sua sensibilidade. Ele tem sob o domínio de suas mãos laboriosas, tal qual o malabarista em sua complexa habilidade motora, um produto a ser dominado – que, em seu modo, é a canção propriamente dita. Mas, para que essa canção ganhe corpo e forma, ela precisa ser submetida a um processo de produção artística, de registro sonoro. Produção que pode ganhar infinitas possibilidades de designação, estando, de igual modo, passível a outras interpretações e apropriações (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020, p. 48).

E essa conceituação teórica que elenca a canção enquanto um rico material de pesquisa deve, ainda assim, ser acompanhada por todo um procedimento metodológico. Pois, a estruturação metodológica, em se tratando das canções de modo geral, deve se comprometer em articular o sentido histórico/espacial/cultural e as camadas técnicas (tanto a letra como a melodia) que constituem as canções. Permitindo, assim, com que não se fragmente esse complexo objeto de estudo, no qual pode-se analisar a letra atrelada à melodia, o compositor/grupo atrelado à sociedade e o contexto atrelado à canção (NAPOLITANO, 2002, p. 8). Deve-se manter em vista, no entanto, que essas análises das canções representem apenas uma pequena parcela cognitiva da canção, não devendo pretender-se enquanto única e totalizante. Pois, conforme salienta Luiz Tatit (2012, p. 26), “a extensão do sentido produzido por uma canção é certamente inatingível pela análise. O que se tenta, no fundo, é explicar alguns aspectos de produção desse sentido geral”.

Pensar esse conceito de canção popular atrelado à uma paisagem sonora e acústica, no entanto, ainda exige que seja estabelecido outro recorte, no que se refere ao gênero musical. Afunilando e complexificando a nossa pretensão analítica, apresenta-se

⁹ Ao usarmos o termo “representação”, asseverado por Roger Chartier (2002), nos referimos a uma determinada maneira de perceber a materialidade das coisas, constituídas em meio às particularidades de cada sujeito ou coletivo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o conceito de *rock 'n' roll*, no qual entende-se como um *ethos* musical e como uma forma singular de construção dos significados da cultura popular. Perceber o *rock* como uma musicalidade singular ajuda a entendê-lo enquanto uma peça do grande mosaico chamado Música Popular, que atinge irremediavelmente a sociedade e suas significações. Tendo um imenso alcance e influência na cultura global a partir dos idos de 1950 (CHACON, 1982), o *rock* tornou-se um regime de audibilidade em que pode ser entendido diversas formas do entreter, do pensar, do sentir e, sobretudo, do questionar, seja enquanto aguçador das inquietações ou reflexo das relações e sentimentos.

De todo modo, é evidente que o conceito de *rock 'n' roll* é algo polimórfico¹⁰, pois esse gênero musical comporta grandes fusões rítmicas e, conseqüentemente, grandes variações rítmicas. Sendo possíveis a partir de diálogos com outros movimentos musicais, como a própria música tradicionalmente nordestina – no caso do *rock* cajazeirense, esse entrecruzamento é perceptível em bandas como *Baião de Doido*, *Cabeça Chata*, *Tocaia da Paraíba* e *Arlequim Rock 'n' Roll Band*, que estabelecem relações rítmicas com o *baião*, *maracatu* e o *repente sertanejo*. Todavia, nos valendo de Elton John da S. Farias (2009, p. 27-28), podemos definir que:

O [conceito de] *rock 'n' roll* nos permite perceber as várias transformações culturais acontecidas na sociedade e nos viabiliza entender as diversas histórias possíveis de um determinado lugar, de um determinado contexto e, como qualquer outra temática, nos possibilita o encontro de explicações plausíveis e de novos questionamentos acerca do comprometimento do historiador quando se propõe a pesquisar uma temática.

Por fim, no que se diz referente ao conceito de contracultura, elenca-se que este foi um movimento cultural que formulou uma série de críticas aos valores estabelecidos da civilização ocidental, tal qual discute Theodore Roszak (1972), um dos pensadores basilares do conceito de contracultura. Assim, o autor ressalta que movimentos como a antipsiquiatria, o pacifismo, a liberdade sexual e o uso irrestrito de alucinógenos/psicotrópicos eram algumas das ideias desse movimento contracultural, que ganhou notoriedade principalmente na década de 1960.

¹⁰ Entendemos o termo polimórfico como algo multifacetado, com diversas semblantes e perspectivas, tal qual descreve o historiador Paulo Chacon na obra *O que é Rock* (1982, p. 19).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Carlos Alberto M. Pereira (1986), dialogando com o pensador contracultural Luiz Carlos Maciel, descreve que esse termo foi frequentemente usado para descrever um tipo de cultura que se opõe a outra cultura “oficializada”, tendo em vista que a cultura é integrante de um produto sócio-histórico formulado através das práticas dos indivíduos. Nesse ritmo, a contracultura pode ser entendida enquanto uma “anticultura”, um conceito pertinente a diferentes contextos, temporalidades e espacialidades, desde que haja, essencialmente, a recusa de uma cultura canônica, de modo que essa contracultura edifique outro ideal de sociedade, em contraponto ao industrialismo e a tecnocracia ocidental.

Com o decorrer dos anos 1980 e 1990, ao invés de cessar, essa expressão contracultural se propagou ainda mais, criando focos singulares em cada contexto particular. Então, nos valendo de Michel de Certeau (1982), quando dissertou que uma das funções do historiador é atribuir sentidos, visualizamos que se tornou necessário analisar as ramificações, manutenções e distinções das práticas referentes a contracultura cajazeirense, exigindo novas ponderações alusivas aos sentidos relativos a sociedade e as suas culturas praticadas e questionadas. Haja vista que, essa cultura esteve presente em diversos meios de materialização cultural (como discos, reportagens jornalísticas e televisivas etc.). Habitam nessas fontes e nessa problemática possibilidades de dimensionar a recepção e apropriação de uma determinada cultura de massa (neste caso, notadamente a contracultura e o *rock ‘n’ roll*) de modo singular, desde que se atente as suas particularidades contextuais.

Considerações finais

Este artigo se propôs a elencar as possibilidades de investigação histórica em torno da construção de novas paisagens sonoras no Alto Sertão paraibano, a partir do processo de consolidação do *rock ‘n’ roll* e da contracultura na cidade de Cajazeiras, entre os anos de 1998 e 2007.

Considera-se, portanto, que se faz necessário investigar a construção dessas novas paisagens sonoras, sejam marginalizadas ou experimentais, a partir do processo de consolidação do *rock ‘n’ roll* e da contracultura na cidade de Cajazeiras, percebendo as reordenações culturais, sociais e espaciais no Alto Sertão paraibano. Tendo como possibilidades a elucidação de aspectos como: a compreensão das referências culturais e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as condições sociais para a formação das bandas: *Tocaia da Paraíba, Comportamento Zero, Baião de Doido, Cabeça Chata e Arlequim Rock 'n' Roll Band*; o entendimento das canções autorais produzidas pelo cenário contracultural cajazeirense, verificando como estas músicas representam e constituem inovações acústicas, estéticas e políticas que problematizam a cultura sertaneja estabelecida; bem como as formas de existência, resistência e circulação (contra)cultural das bandas *undergrounds* cajazeirenses, observando os circuitos alternativos como agentes diretos no processo de consolidação do *rock 'n' roll* como uma nova paisagem sonora no Alto Sertão paraibano.

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Cartografias da alegria ou a diversão do Nordeste: as imagens do regional no discurso tropicalista. In: GUTIÉRREZ, H.; NAXARA, M. e LOPES, M. A. de S. (Orgs.) **Fronteiras: paisagens, personagens e identidades**. Franca: Editora UNESP; São Paulo: Olho d'Água, 2003.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Sertão: um museu a céu aberto. In: DA COSTA, Célia B.; RIBEIRO, Maria do E. S. R. C (Orgs). **Fronteiras: territorialidade, migrações**. Belo Horizonte: Fino traço, 2016. p. 231 – 252.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Francisco Didier Guedes. **Canções e tensões apocalípticas: banda *Conspiração Apocalipse* e a eclosão do *Rock 'n' Roll* em Cajazeiras – PB (1989 – 2005)**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, 2020.

AMARAL, Liana Viana do. **Da Lama e Do Caos: globalização e Hibridismo na Produção do Movimento Manguê Beat/ Chico Science & Nação Zumbi**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro, não: Música Popular Cafona e a ditadura militar**. 7ª ed. São Paulo: Editora Record, 2010.

BAIA, Silvano F. Música popular e historiografia: considerações sobre métodos. In: GARCIA, Tânia da C; TOMÁS, Lia (Orgs.). **Música e política: um olhar transdisciplinar**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 97 - 125.

CAVALCANTI, Erinaldo V; SOARES, Fagno da S. História Oral entre reflexões e memórias: Revisitando o percurso de Antônio Torres Montenegro e suas trilhas metodológicas do fazer historiográfico. **Revista Observatório**, Palmas – TO, v. 2, n. Especial 1, p. 426-446, mai. 2016.

CAVALCANTI, Ivan Luis L. **Ame, assumo e consumo: Canções, censura e crônicas sociais no Brasil de Odair José (1972-1979)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2015.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- CHACON, Paulo. **O que é rock**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CONTIER, Arnaldo. Música e História. **Revista de História – USP**, São Paulo, Nº. 119, jul. - dez. 1988.
- CUNHA, Carlos H. Pessoa. **Nos tempos do blackout: cena musical, práticas urbanas e ressignificação da Rua Chile, Natal – RN**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.
- DUNN, Christopher. **Brutalidade jardim: Tropicália e a emergência da Contracultura brasileira**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- EGYPTO, Diogo José F. do. **“Não é a antimúsica, é a música em movimento!”: uma história do grupo Jaguaribe Carne de Estudos (Paraíba, 1974-2004)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- FARIAS, Elton John da Silva. Por uma história (cultural) do Rock ‘N’ Roll. *In*: LIMA, Marinalva V. de; CORDÃO, Michelly P. de Sousa (Orgs.) **Estudos Culturais**. Vol. 4 – nº 01. Campina Grande – PB: EDUFCG, 2013, p. 15-32.
- FILHO, Murilo Valdo Viana. **Cidadão Instigado: o rock, a música brega e o forró reinventados no Hibridismo Cultural**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- FRANÇA FILHO, Walter Ferreira de. **Tradições compartilhadas: Maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco dos anos 1990**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pernambuco, 2016.
- GARCIA, Tânia da C; TOMÁS, Lia (Orgs.). **Música e política: um olhar transdisciplinar**. São Paulo: Alameda, 2013.
- GOMES, Jandynéa de P. Carvalho. **Do rock ao repente: identidades híbridas nas canções de Zé Ramalho no contexto da década de 1970**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2012.
- GONZÁLEZ, Juan Pablo. Fazendo história da música com a musicologia em crise. *In*: GARCIA, Tânia da C; TOMÁS, Lia (Orgs.). **Música e política: um olhar transdisciplinar**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 75-96.
- GUERRA, Saulo Vale de A. **Os anormais: a desconstrução das imagens dos grupos roqueiros caicoenses**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2005.
- GUILLEN, Isabel C. Martins; LIMA, Ivaldo M. De França. Os maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990). **Saeculum – Revista de História**, João Pessoa, n. 14, p. 183-198, jun. 2006.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre o movimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

LOPES, Henrique Masera. **A caminho do planetário**: uma história de paisagens sonoras, poéticas e existenciais das psicodelias nordestinas (Recife 1972-1976). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

LOPES, João Guilherme Santos de Araújo. **Vociferando paisagens, bradando nostalgias**: a cena musical black metal norueguesa como espaço de (re) significação sobre o mundo natural. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

LUNA, João Carlos de O. **O udigrudi da pernambucália**: história e Música no Recife (1968-1976). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2010.

MARQUES, Roberto. Contracultura, Tradição e Oralidade: (re) inventando o sertão nordestino em tempos velozes. **Trajetos**. Revista de História, UFC, Fortaleza, vol. 3, nº 6, 2005. p. 201-216.

MEDEIROS, Liudmila Aleksandra de. **Representações de um “Sertão Sangrento”**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2017.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História - USP**, São Paulo, v. 13, nº 25/26, p. 55-65, ago. 93.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História – USP**, São Paulo – SP, V.20, Nº 39, 2000, 9. 203 – 221.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 235-289.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**: História cultural da música popular. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. História e Música Popular: um mapa de leituras e questões. **Revista de História – USP**, nº157, 2º Semestre de 2007. p. 153 – 171.

NAVES, Santuza Cambraia. **Canção Popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PACCELLI GURGEL. **Crônicas**. Jornal Gazeta do Auto Piranhas: Cajazeiras – PB. 2000 a 2010. Seção C3.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PESAVENTO, Sandra J. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. *In*: PESAVENTO, Sandra J; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidade sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9 - 22.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SANTOS, Carlos Arthur da Silva. *Underground heavy metal em Campina Grande: 1985-1995*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

SANTOS, José Dário dos. **O Recife underground: ditos e ritos da contracultura em Pernambuco (1968-1974)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2019.

SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SCHAFER, Raymond Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. Fronteiras entre música e história: um exercício de interdisciplinaridade. In: FERNANDES, Dorgival Gonçalves; OLIVEIRA, Francisca Bezerra de (orgs.). **A arte de tecer no diverso: práticas e saberes interdisciplinares no ensino e na pesquisa**. Campina Grande: EDUFPG, 2010. p. 99-112.

SILVA NETO, José Antônio da. **Cinema e sociabilidade: uma história das relações sociais promovidas pelo cinema em Cajazeiras-PB (1950-1980)**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

UM ROCK do fim do mundo. **Jornal Correio da Paraíba**. João Pessoa - PB, 30 de ago. de 1992, nº 22, ano XXXIX.

TATIT, Luiz. **O cancionista: composições de canções no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2012.

TEIXEIRA, Álesson Rayf Jacinto. **Percursos de formação dos músicos do caverna: Metal extremo de Patos para o mundo**. Monografia (Graduação em Música) – Universidade Federal da Paraíba, 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2015.

VALENTE, Heloísa de A. Duarte. **Os sons da voz: entre o ruído e o silêncio**. São Paulo: Annablume, 1999.

VALENTE, Heloísa de A. Duarte. Paisagens sonoras, trilhas musicais: relatos sonoros do Brasil. **Per musi**, Belo Horizonte, n. 28, p. 239-249, dez. 2013.

VENTURA, Leonardo Carneiro. **Música dos espaços: paisagem sonora do Nordeste no Movimento Armorial**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

ZAN, José Roberto. Jovem guarda: música popular e cultura de consumo no Brasil dos anos 60. **Música Popular em Revista**, Campinas, ano 2, v. 1, p.99-124, jul.- dez. 2013.